
Emergências psiquiátricas – Uma abordagem psicanalítica

Alexandra Sterian

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000

Como abordar psicanaliticamente as situações psiquiátricas emergenciais

Elisabeth Klasina Hajenius

A leitura desta publicação é essencial para profissionais de saúde que lidam com o sofrimento psíquico do ser humano, tentando dar-lhe sentido e direção.

Qual seria o “enquadre psicanalítico” em uma emergência psiquiátrica?

Este tema me fez voltar no tempo, à minha puberdade psicanalítica. Nessa fase, nos surpreendíamos, às vezes, com a psicanálise dita “silvestre” quando se enunciavam formulações sérias e corretas, mas que, ao mesmo tempo, não alcançavam o estatuto de uma “interpretação”. Essas falas não eram condizentes com o momento em que eram formuladas (tempo e espaço). Estavam “deslocadas” por falta de enquadramento adequado. A óptica deste livro torna-se, assim, originalíssima, ousando sugerir uma habilidade “extramuros” aos terapeutas que observarem bem esses requintes essenciais.

Como parte do procedimento, existe, quase sempre, uma resposta imediata a ser descoberta na interação entre o paciente e o terapeuta. Mais surpreendente ainda, é o fato de que esse trabalho pode ser feito por pessoas sem formação psicanalítica, desde que usem um acurado foco

no emocional do paciente (e no seu próprio também, é claro!). A demanda do meio em relação ao paciente também deve ser levada em conta, seja ela familiar, profissional ou outra. Desnecessário dizer que quanto maior a experiência e a habilidade do agente de saúde tanto mais simples e confortável se tornará o atendimento.

A preocupação diagnóstica se faz presente, não só do ponto de vista nosológico. Desenvolve-se uma noção classificatória prática (espetacular). São, também, evidenciadas as articulações (ou superposições?) entre a moderna “síndrome do pânico” e a psicanalítica “fase aguda de uma neurose histérica” ou ainda “crise aguda de angústia neurótica”. Leva-se, ainda, em conta o intrincado jogo entre corpo físico e mente. Fica patente a necessidade de um correto e amplo diagnóstico na urgência, para nortear a conduta a ser tomada.

Ressalto, como um trunfo à parte desse texto, a riquíssima exposição no tocante às ferramentas psicanalíticas. Elas são apresentadas de forma simples e clara, sempre exemplificadas por situações clínicas. Consegue-se, dessa forma, compreender os conceitos e sua aplicação na prática do atendimento às crises.

O objetivo do atendimento psicoterápico nas situações de emergência não é só a dissolução da crise. Visa, também, prevenção e tratamento, ou, pelo menos, encaminhamento para tal. A intervenção pontual poderá restabelecer o equilíbrio perdido, possibilitando a aceitação de novas condutas terapêuticas.

Atualmente, junto com a violência urbana diária, há uma série de outros fatores que, além de serem causadores de traumas, contribuem, igualmente, para precipitar conflitos preexistentes. A fragmentação progressiva da trama social-solidária é um dos pontos mais relevantes a ser lembrado. A proposta “medicalizante” da sociedade contemporânea, por outro lado, tende a borrar os limites de causa/efeito, por exemplo, no caso das drogas de modo geral.

As pessoas em crise manifestam-se frequentemente de forma peculiar, em “curto-circuito”. Isto implica na adoção de técnicas e posturas adequadas de escuta do paciente e da família. Pode-se, então, abordar a estrutura familiar inconsciente para trabalhar a interseção do paciente designado (-resignado), que atua o conflito existente nessa crise emergencial.

É necessário ter-se a coragem de “cometer” um ato criativo ao se fazer uma interpretação psicanalítica em uma situação de emergência que desvela o sofrimento do paciente e de seu entorno. O ato criativo torna-se peculiarmente difícil na maioria das instituições onde existe um apego muito forte a rígidas regras e normas de funcionamento. Elas bloqueiam, muitas vezes, esse tipo de soluções pouco convencionais, pois estas indicam o sentido oposto... A tensão que existe nessas situações é quase palpável, semelhante ao que comumente ocorre em apresentações jazzísticas. Nestas, também, após acordes dissonantes e conflituosos, praticamente se “exige” sua resolução, ficando a difícil tarefa para

o músico que tomou para si a responsabilidade do improviso (ou seja, a criação com a quase obrigatoriedade de ser politicamente correta!).

Intui-se, desde já, que o tempo é particularmente precioso nessas ocasiões. Com frequência não desprezível, há ameaça concreta à integridade física de alguém. O tempo corre de acordo com a verdade do sujeito e precisamos ter uma sensibilidade especial para entender isto. O indivíduo pode, sob esse prisma, apresentar vivências que, à primeira vista, nos parecem absolutamente impróprias ou, no mínimo, deslocadas. Há de se ponderar ainda sobre os “alvos” e as motivações dos atos e da agressividade que aparecem nessas situações. Encontramos algumas ponderações a esse respeito nos capítulos sobre transferência e contratransferência.